



Penso,

Com teimosia:

A capoeira é brasileira. Posse nacional.

Agarro com dentes

A identidade.

Grande é “pois” o temor

Da perda.

E vem a vida,

Nesse mundo que dá volta

E tira o pouco que tenho,

O orgulho da certeza.

Lá estão,

À beira mar,

Num jogo colonial,

Retintos e audazes,

Dispostos ao riso

E ao risco,
Meninos que nunca vi: Capoeiras da Palhota.
Mar Azul,
Confundindo meu legado,
Minha brasilidade: Estamos no mundo.
Somos.
Universais.
A arte genuína cá está.
A cena se desmancha
E na retina registro o espanto.

O que amo,
Maliciosa e Andarilha,
Vaga e Verga corações outros. Apaixona.
Roda. Berimbau toca Angola.
Agachada,
Espreito o outro,
E assim me espreito,
Somos um em dois.
Perco-me.
E quando
O coro das crianças
Rompe minhas cismas,
Já estou a jogar em pátrio solo.
Eis-me no Mercado,
Na Figueira,
Com a certeza sincera
Que o que me levou me trouxe,
E o que me fez capoeira
Foi estar nesse chão ora de senzala
Ora de casa grande,
Mas sempre Brasilis.

*Danusa Meneghello. Maputo.
19 de Outubro de 2010, noite e meia.*